

# A internacionalização da Amazônia

Paulo Mota  
Correspondente da Folha de São Paulo, em Rio Branco e colaborador de A Gazeta

**N**a próxima semana, desembarca em Rio Branco um grupo de deputados federais que compõem a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga a "Internacionalização da Amazônia". Os parlamentares deverão executar a posição das autoridades locais sobre um assunto que está dividindo as opiniões de ecologistas, religiosos, militares e empresários da região.

A rigor, a polêmica sobre as formas de ocupação da Amazônia não constitui novidade. Já no período colonial, os portugueses expandiram seu domínio até os Andes, expulsando ingleses, irlandeses e holandeses.

Na época do Império, o Brasil ocupou Catena por oito anos (1809-17) e manteve a navegação internacional no Amazonas proibida até 1867. No período republicano, nosso país anexou meta-

de do território do Amapá da França, em 1990; perdeu parte de Roraima para os ingleses em 1904; e com o advento da Revolução Acreana, em 1903, conquistou 200 mil Km<sup>2</sup> em disputa com a Bolívia.

O termo "Internacionalização da Amazônia" foi utilizado pela primeira vez pelo ex-governador de Amazonas, Arthur César Ferreira Reis (1964-1967) no seu livro "Amazônia e a Cobiça Internacional". No livro, Reis denuncia a exploração de minérios e a compra de terras da região por estrangeiros e a ação "desnacionalizante de missionários e cientistas".

As vésperas da "Eco-92" - conferência que reunirá ambientalistas de todo o mundo, no próximo ano, no Rio de Janeiro - a questão ressurgiu de forma ambígua na boca de políticos e militares da Região Norte. Em junho o governador do Amazonas, Gilberto Mestrinbo (PMDB) lança o "Código Amazônico", e

faz críticas à atuação do Secretário Nacional do Meio Ambiente, José Lutzemberger. Ao mesmo tempo em que alerta para o perigo da "Internacionalização", Mestrinbo defende a liberação da caça de jacarés em seu estado e a exploração das riquezas minerais da região por multinacionais.

Em entrevista à Folha de São Paulo, o general Tbaumaturgo Sotero Vaz, do Comando Militar da Amazônia (CMA), prometeu "cair de porrada" em cima dos ecologistas estrangeiros que tentarem "internacionalizar a Amazônia". O chefe do CMA, general Antenor Santa Cruz, ameaçou "Vietnamizar" a região para protegê-la da cobiça estrangeira.

Os reflexos da disputa puderam ser sentidos aqui também no Acre. No desfile comemorativo ao 7 de setembro último, um grupo de estudantes do Grupo Escolar Lindaura Leitão foram impedi-

dos de participar das festividades. Eles estavam portando faixas com slogans ecológicos e traziam como homenagem o pintor naturalista acreano Hélio Melo.

Em depoimento à Câmara dos Deputados, Lutzemberger considerou o debate sobre a "internacionalização" uma "piada". Respondeu as críticas feitas pelos generais que defendem a soberania da região, chamando-os de "babacas" e "ridículos". Em viagem ao Acre, mês passado, o recém empossado presidente do Ibama, Eduardo Martins, afirmou que a polêmica está sendo levantada "por militares que querem engordar os seus orçamentos".

No âmbito empresarial, a "internacionalização" foi discutida recentemente em Belém, num encontro que reuniu representantes classistas de toda a região Norte. O presidente da Federação das Indústrias do Acre, Jorge Tomáz, afirma que o en-

contro "condenou as limitações impostas a soberania da Amazônia, em função do pagamento da dívida externa, ao mesmo tempo que defendeu o equilíbrio ecológico da região".

Para o líder do PMDB na Assembleia Legislativa, Dep. João Correia, a questão tem que ser discutida "partindo-se do princípio que antes de ser patrimônio da humanidade, a Amazônia é patrimônio dos que nela habitam". O líder do governo, Dep. Chico Sombra (PDS), vê nos "falsos ecologistas" os artífices da "internacionalização".

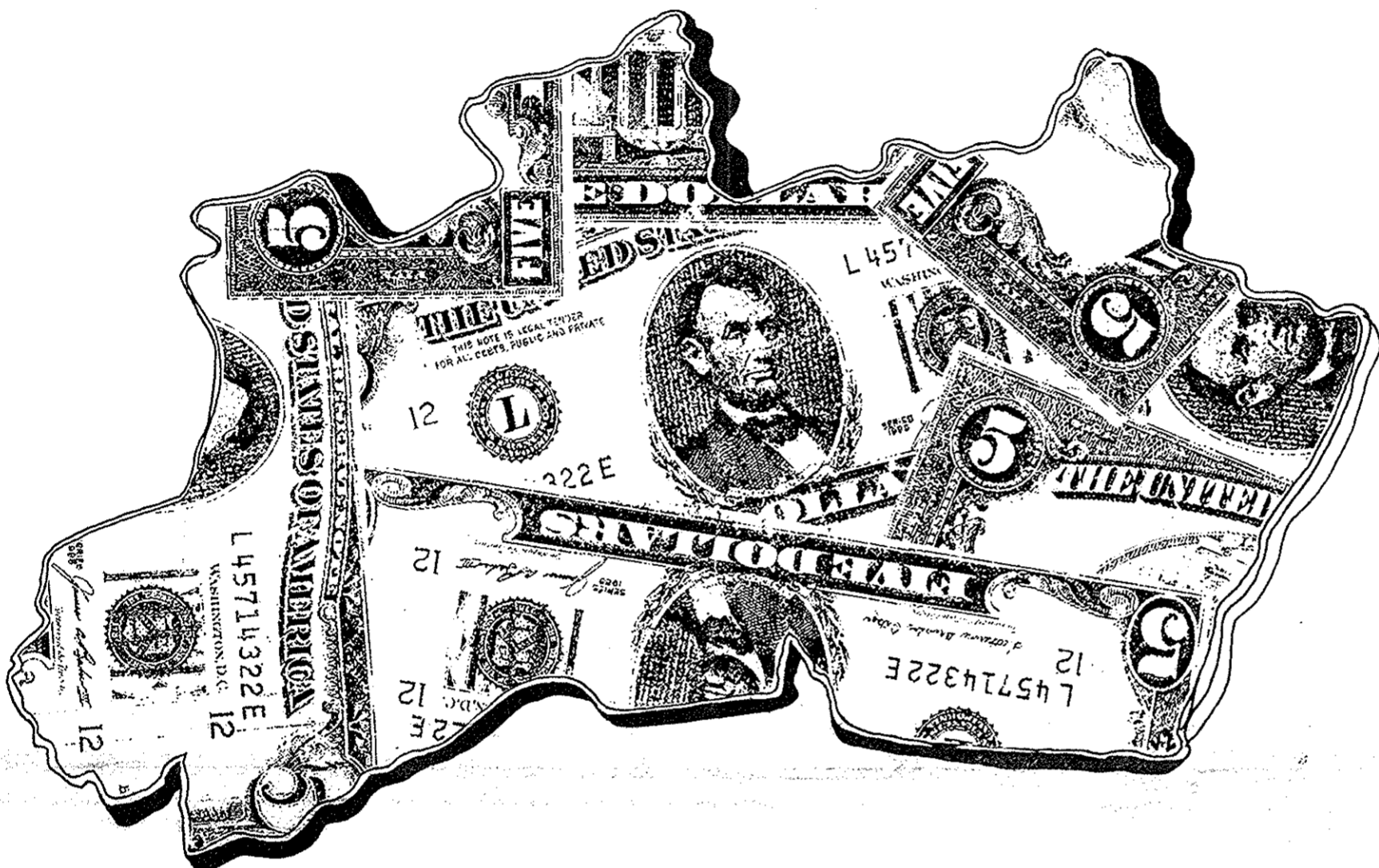
O engenheiro florestal, Jorge Viana, ex-candidato do PT ao governo do estado, propõe a inversão do debate "discutindo-se a desprivatização, exploração da região". Segundo ele, a exportação de 60 mil toneladas de Mogno, em 1987, no Acre, sem cobranças de impostos, "é um exemplo de como a Amazônia já está sendo explorada pelas multinacionais".

## Somente 5% da mata acreana foi desmatada

A parte do globo terrestre denominada Amazônia, que caracteriza-se fundamentalmente através da Floresta Tropical - possui dimensões continentais. Com uma superfície de 5.057.480 Km<sup>2</sup>, a Amazônia Internacional é constituída pela Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e as três ex-Guianas.

A chamada Amazônia Legal abrange os estados do Amazonas, Amapá, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Acre e oeste do Maranhão, com uma área de cerca de 5 milhões de Km<sup>2</sup>, representando 60% do território brasileiro, segundo o Ibama. Deste total 3,3 milhões de Km<sup>2</sup> são florestas, entre densas (38%), não-densas (36%), cerrados e campos naturais (14%) e os 12% restantes de vegetação secundária.

Com uma área de 152.589 Km<sup>2</sup>, o Acre ocupa 3% da superfície da Amazônia Legal. Segundo dados do Instituto do Meio Ambiente do Acre (IMAC), cerca de 65% do território do estado está constituído por áreas legalmente protegidas contra o desmatamento, compostas por reservas indígenas (11%), reservas extrativistas (12%), reserva legal (30%), áreas de proteção e preservação (2%) e áreas de preservação permanente (10%). Dos 35% restantes, apenas 5% foram desmatados.



## Região está cada vez mais pobre

Enquanto militares e ecologistas perdem-se numa interminável discussão sobre os destinos da Amazônia, os indicadores sociais mostram que a região caminha rápido para um processo de empobrecimento semelhante ao de países mais remotos da África. Considerado o estado mais pobre da Região Norte, o Acre é a expressão mais clara do processo de "Africanização" da Amazônia.

O governador Edmundo Pinto afirma que, caso o Governo Federal não socorra o estado com recursos financeiros, "a falta de estradas e recursos energéticos provocará no Acre um blecaute econômico e social". Com uma dívida de aproximadamente US\$ 180 milhões, o Acre tem 87% de seu orçamento abastecido com recursos federais, arrecadado em tributos apenas 8% do que gasta.

Segundo dados do IBGE, 82% da população economicamente ativa do estado está desempregada. Do total de empregados, 65% são funcionários públicos. De acordo com a Secretaria da Fazenda, 70% do orçamento estadual é consumido com o pagamento de funcionários.

Por falta de estradas, 8 dos 12 municípios do estado ficam isolados durante 11 meses do ano. O governo do estado estima que 60% da produção agrícola é desperdiçada nas unidades produtivas devido as precárias condições de escoamento. Possuindo num parque industrial inexpressivo, o Acre importa do Centro-Sul do país 80% dos produtos que consome. No auge das chuvas, em algumas regiões do estado a taxa de inflação chega a ser 50% superior às praticadas no restante do país.

Na área de saúde pública, a dívida social é imensa. O déficit hospitalar está na ordem

de 1.850 leitos. O Conselho Regional de Medicina do Acre tem em seus registros apenas 187 médicos para atender uma população de aproximadamente 500 mil habitantes. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda a existência de um médico para cada 500 habitantes. No Hospital de Base, seriam necessário a construção de 2 mil novos leitos para atender os pacientes que lá chegam.

O diretor do Conselho Regional de Medicina, Sebastião (Tião) Viana das Neves, diz que a ocupação desordenada e a forma de desenvolvimento econômico desigual transformaram "o Acre num laboratório de doenças e epidemias". Segundo ele, apenas 4% da população do estado é atendida

por uma rede de saneamento básico. A Secretaria de Saúde não tem recursos técnicos para quantificar a taxa de mortalidade infantil do estado.

O Acre iguala-se a Índia na ocorrência de Hanseníase. De cada 1000 habitantes do estado, 11 são portadores da doença. Desde o início do ano, uma epidemia de Febre Tifóide já matou três pessoas em Rio Branco, atingindo outras 82. Segundo a Secretaria de Saúde, o Acre registra ainda epidemias de Malária, Tuberculose e Hepatite.

No início do mês de agosto, um surto de um tipo raro de Hepatite conhecida como Delta - matou 2 crianças de uma mesma família de Tarauacá. Um surto de Tuberculose já atingiu um terço dos índios Kaxarari.

Esquecido pelo restante do país durante décadas, o Acre ganhou notoriedade mundial a partir de 1988, com o assassinato do líder seringueiro e ecologista Chico Mendes. Desde então, os constantes atentados a líderes sindicais transformam-se numa espécie de cartão postal macabro do estado, cujo estrutura fundiária é altamente concentrada.

Segundo dados do INCRA, 81,3% das terras agriculturáveis do estado estão nas mãos de grandes proprietários; Os dez maiores controlam uma área de 3,3 milhões de hectares ou 33,3 mil quilômetros quadrados, o que é superior à extensão territorial da Bélgica, por exemplo.

Toda esta situação provocou um êxodo rural que povoou a capital do estado das chamadas "invasões". De 1970 pra cá, o número de bairros em Rio Branco pulou de 5 para 105. A violência urbana pode ser evidenciada numa pesquisa feita pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese, revelando que, em média, um crime violento acontece por dia no estado.

Em seringais situados na região do Alto Juruá, o atraso econômico faz com que mercadorias ainda sejam utilizadas como moeda. No final do mês de agosto, a Polícia Federal indiciou três fazendeiros da região de Cruzeiro do Sul por manterem trabalho escravo em suas propriedades.

Os alarmantes números da situação educacional, compõem o quadro que deverá ser visto pelos deputados que desembarcarem no estado. A Secretaria de Educação oferece apenas 40% das vagas necessárias para o ensino básico. O índice de analfabetismo atinge 42% da população. Na zona rural este índice sobe para 80%.

### Na Amazônia você encontra:

- I - A vigésima parte da superfície da terra
- II - Um quinto da disponibilidade mundial de água doce
- III - Quatro décimos da América do Sul
- IV - 40% da área florestal do país, com cerca de 60.000 espécies
- V - Um terço da reserva mundial das florestas latifoliadas
- VI - 3,5 milésimos da população mundial
- VII - Parte do território de 7 países da América do Sul, constituindo 2/5 do continente

## Maioria acredita na internacionalização

Você acredita na internacionalização da Amazônia?

I) Josiele Araújo, 17 anos, estudante da 2ª série do 2º Grau, do Colégio Acreano. "Sim. O Brasil já é internacionalizado. A sua economia já é totalmente dependente. Todo mundo sabe que se 1/3 das riquezas da Amazônia forem exploradas, o Brasil melhora sua economia. Tem ecologista que realmente defende a natureza já outros são portavozes dos estrangeiros".

II) Ângela Barros Alencar, 30 anos, professora de Língua Portuguesa do Colégio Adalberto Sena. "Não. O que eu acredito é que existem pessoas querendo se promover com a questão. Acho que existe uma solidariedade internacional contra a devastação da região. Esse negócio de internacionalização é pa-pa de militar que não tem o que fazer".

III) Roberto Feres, 30 anos, engenheiro da Prefeitura de Rio Branco: "Em termos. Eu ainda não consegui entender o que significa isso. Agora, eu acho que toda proposta de desenvolvimento para a Amazônia tem que manter o equilíbrio ecológico da região. No atual estágio do capitalismo, a economia é necessariamente internacionalizada".

IV) Juarez Djas Oliveira, 49 anos, advogado. "Sim. É óbvio que sim, pelo interesse que tem demonstrado os países desenvolvidos nas riquezas daqui. Eles apostam na nossa ingenuidade. Nós brasileiros podemos preservar a natureza sem a ingerência de outros povos".



Roberto Feres



Juarez Oliveira



Josiele Araújo

